

Resgate Histórico da Pastoral Juvenil Latino-Americana Visão sintética

Hilário Dick*

Resumo

No contexto do Terceiro Congresso Latino-americano de Jovens, o artigo nos oferece uma visão sintética da caminhada da Pastoral juvenil em nosso continente durante os últimos 30 anos. O autor destaca o papel da juventude dentro e fora da Igreja Católica, alguns atores relevantes desta Pastoral e, principalmente, algumas obras e eventos significativos. Finalmente, insiste-se no significado da memória histórica e na importância de inserir-se nela.

Palavras chaves: Juventude, História, Autonomia, Organização, Pastoral juvenil.

* Sacerdote jesuíta. Graduado em Filosofia y Teología, Doctorado en Literatura Brasileira por la Universidad Federal do Rio de Janeiro y Docente de Universidade do Vale do Rio dos Sinos. hilddick@terra.com.br

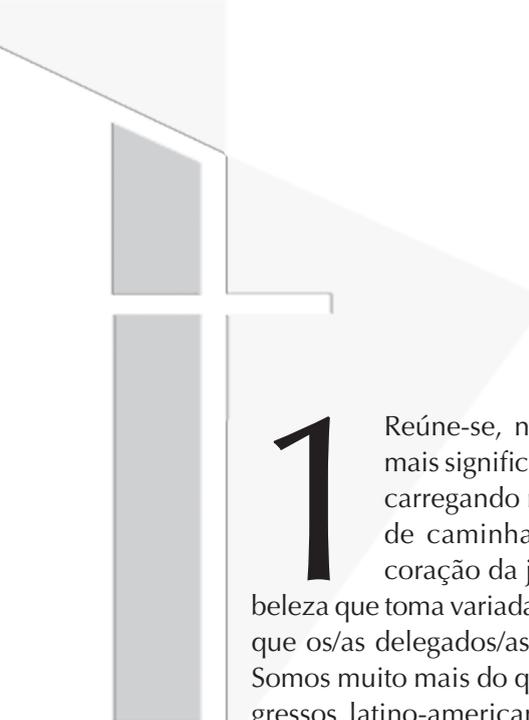


Historial restore of the Latin American youth ministry Concrete Vision

Abstract

In the context of the Third Latin American Congress of Youth, the article presents us a concrete vision of the Pastoral in our Continent during the last 30 years. The author highlights the role of youth inside and outside the Catholic Church, some relevant characters and, mainly some significant works. Finally, This work persists on the meaning of historical memory and the importance of inserting into it.

Key words: Youth, History, Autonomy, Organization, Youth Ministry.



1 Reúne-se, neste Congresso¹, a organização juvenil mais significativa e mais numerosa da América Latina, carregando na sua identidade uma proposta comum de caminhada, procurando plantar esperança no coração da juventude. Esta história, contudo, é uma beleza que toma variadas cores na rica variedade de experiências que os/as delegados/as presentes representam em seus países. Somos muito mais do que a história de nossos encontros e Congressos latino-americanos, mas eventos como estes reforçam a cada um/a e constroem a personalidade do conjunto. Nos encontros e Congressos nem temos tempo de falar de nossas histórias, mesmo sabidas; nem podemos dizer que nossa história se resume naquilo que fazemos como nação e como organização, embora a consciência de nação e de organização seja parte de nossa grandeza de pessoa e de instituição. O discurso, portanto, desta história, sempre corre o risco de ser muito limitado e pobre, ainda mais quando se trata de uma apresentação nos limites de um Congresso. Além disso, a sociedade e o sistema não têm interesse que saibamos muito de nossa história pessoal, nacional e latino-americana porque a pessoa e a instituição, donas de sua história, se tornam perigosas porque a história sempre foi e sempre será subversiva. E, porque é subversiva, é melhor que esta história –no pensar de alguns– não seja conhecida. Por outro lado, todos que –de forma ou outra– fazem esta história, precisam perguntar-se: afinal, a que distância estou desta história? Estou dentro dela? Ela está em mim? Rejeito-a? Desconheço-a? A resposta é muito importante.

¹ Pronunciamento feito no 3º Congresso Latino-Americano de Jovens, em Los Teques (Venezuela), de 05 a 12 de setembro de 2010, tendo como tema a “Revitalização da Pastoral Juvenil Latino-Americana”.



Precisamos dar-nos conta de que, há muito pouco tempo, esta juventude, em geral, e também as juventudes das igrejas, têm um lugar reconhecido na sociedade. Não porque não tenhamos história –como vão querer afirmar– ou porque haja dificuldades em fazê-la constar, mas porque ela é perigosa. Por isso as juventudes (também em nossas Igrejas) foram e ainda são um grito silenciado, isto é, um segmento sempre ameaçado pela invisibilidade ou invisibilização, porque são perigosas. Não significa que a juventude, nas igrejas e na sociedade, não tenha existido ou que a Igreja não tenha amado, sempre, a juventude. Amada e, ao mesmo tempo, temida porque a novidade, por mais bonita que seja, assusta para quem acha que chegou. As juventudes, por isso, assustam porque nunca foi fácil, nem para a sociedade nem para as igrejas, reconhecerem que a característica mais profunda delas é a construção de sua autonomia, isto é, aquilo que chamamos de protagonismo juvenil. Elas (as juventudes) eram e são amadas contanto que não se atrevam a pensar que podem caminhar com certa autonomia, sem serem controladas ou manipuladas pelo mundo dos que acham que sabem como deve ser a história: as instituições sociais, políticas, culturais e, também, eclesiais. Uma juventude que sabe sua história, por isso, é mais temida que amada.

No trabalho junto aos jovens e, até, no estudo da juventude, fora e dentro das Igrejas, era e é difícil a cidadania do paradigma da construção da autonomia no mundo juvenil, nem mesmo naqueles que afirmavam que a juventude era a solução como, por exemplo, no tempo das juventudes fascista, nazista e falangista, na década de 1920 e, também, nas instituições que se assustam com aquilo que caracteriza o ser jovem: o empoderamento. O paradigma que valia e vale, por isso, em muitos espaços, era e é o da juventude como preparação ou como problema. Temos que reconhecer que, ainda hoje, as igrejas navegam com dificuldade no mundo do reconhecimento da autonomia para os leigos e para a juventude porque está em jogo o exercício do poder. Eles e elas são bons se fazem o que os adultos, padres e bispos pensam e determinam... O tendão de Aquiles da sociedade e das Igrejas – apesar de sabermos que a construção de personalidades, de sujeitos da história, é algo fundamental

na educação da juventude - continua sendo o empoderamento do jovem ou, como falamos na Pastoral da Juventude, do protagonismo juvenil. A prova mais cabal disso é que a juventude começou a ser alguém na história, não somente na América Latina, apenas no fim da década de 1930, com a Ação Católica Geral. Organizações juvenis com a vivência do jovem como protagonista só surgem, de fato, ainda de forma tímida, com a Ação Católica Especializada, a partir da década de 1950. É um fenômeno histórico do qual nem sempre temos consciência.²

2. Olhando a história da Pastoral Juvenil Latino-Americana nem sempre temos consciência desse fato tão evidente e tão estranho; é um dado, no entanto, que deveria fazer-nos realistas e agradecidos por estarmos comprometidos com o que conhecemos como Pastoral da Juventude segundo Pastoral da Juventude - Sim à Civilização do Amor (1987) e Civilização do Amor – Tarefa e Esperança (1995), frutos de uma caminhada que, por sua riqueza, precisa estar viva em nós para construirmos uma revitalização da Pastoral da Juventude que avance sem ignorar conquistas que não podem ser abandonadas ao longo da estrada³. Por outro lado, uma pergunta insistente que não se pode deixar de fazer, sempre, é: Por que será que a Igreja, apesar de ser reconhecida como uma das instituições que mais entende de juventude, demorou tanto para ajudar o jovem a ser protagonista? Será tão complexa, também para ela, a questão da autonomia? A conjuntura social e eclesial parece levar-nos a reconhecer que a questão, além de histórica, tornou-se, novamente, muito atual.

Resgatando a história da Pastoral Juvenil Latino-Americana – uma caminhada de apenas 30 anos - como Pastoral Juvenil, temos que retroceder não só aos tempos do pós-Concílio Vaticano II, traduzido, em Medellín, em 1968, para a realidade latino-americana, mas dar-nos conta que, no “maio de 1968”, que tanto marcou não só a Europa e os Estados Unidos, mas o mun-

² Uma obra que ajuda na compreensão desse fenômeno é DICK, Hilario. Gritos silenciados, mas evidentes – Jovens construindo juventude na história. São Paulo: Loyola, 2003.

³ CELAM, Sección de Juventud. Civilización del amor, tarea y esperanza. Orientaciones para una pastoral juvenil latinoamericana. Bogotá: CELAM, 1995. (Colección SEJ, No.09) traz, por isso, entre os diversos Marcos, o Marco Histórico que merece ser conhecido.



do todo, também éramos gestados como Pastoral da Juventude. Foram, aliás, os primeiros tempos em que se começou a falar de “pastoral” (= ação organizada, sendo Igreja). O mundo juvenil vivia, em todos os continentes, dentro e fora da Igreja, algo tão forte que até hoje não foi explicado nem mesmo por lideranças reconhecidas daquilo que foram as milhares de manifestações juvenis pipocando em milhares de lugares, em todo o mundo. A realidade que emerge, não foi capaz de ser percebida nem naquele momento, nem 40 anos depois.

3. Também nós, Pastoral Juvenil Latino-Americana, mesmo sem existirmos, no dinamismo da história, estávamos lá... Estávamos como “igreja” e como “sociedade”. É que o “maio de 1968”, além de suas variadas expressões, foi, também, um maio da juventude das Igrejas e da Igreja Católica, apesar de pastores, de alguns países, terem declarada extinta, naquela mesma data, a instituição juvenil mais representativa – naquele momento - da história de nossa Igreja: a Ação Católica Especializada... São contingências que não impedem a caminhada do Espírito. Os caminhos do Espírito nunca deixarão de ser misteriosos, especialmente quando eles se manifestam nas juventudes. Bonito e profético, por isso, o que dizem as Conclusões de Medellín – repetindo a mensagem do Vaticano II aos jovens - dizendo que a Igreja é a verdadeira juventude do mundo e propondo que se promovam Centros de Estudo e Investigação no que se refere à participação da juventude na solução dos problemas do desenvolvimento e desejando uma pastoral juvenil orgânica e diferenciada (Medellín, cap. 5). Contudo, há coisas que até hoje não sabemos valorizar. Um dos documentos emblemáticos, de preparação da Conferência de Medellín, em 1967, é o que ficou conhecido como Documento de Buga, falando da evangelização no mundo universitário; um documento que mereceria um estudo especial para quem é curioso de história, de história juvenil, e deseja situar-se na caminhada histórica que estamos fazendo. Olhando só para o nosso continente, quanta coisa acontecia no mundo juvenil!
4. Por um lado, tudo que sucedia no mundo eclesial, antes do Concílio Vaticano II: gritos de mudança no mundo da liturgia; outra forma de ver a relação Igreja e mundo, fé e política, fé e realidade

social. Um grito por outra forma de ser Igreja. Quem de nós não pensou no significado que teve o simples fato de a Eucaristia ser celebrada na língua de cada país? Todos nós já pensamos o significado de uma Igreja com o distintivo da “Comunhão e Participação”, fazendo surgir Conferências Episcopais pondo em prática um trabalho orgânico, onde os pastores vão descobrindo que ser bispo é ser bispo dentro de uma colegialidade? O significado que teve o surgimento, por exemplo, dos “padres operários” em vários lugares do mundo? Todos nós já pensamos que, nestas tantas novidades, a juventude marcava presença significativa? O “maio de 1968” não aconteceu somente fora dos muros da Igreja; ele estava, também, na juventude desejando viver sua fé sem certas velharias que ofuscavam o que era ser Igreja como sacramento do Reino e não uma Igreja que pensava que, sem ela, não haveria salvação.

5. Por outro lado, a “sociedade” (onde o Reino deve ser construído) vivia agitada; também a sociedade latino-americana. Apesar da morte covarde e traiçoeira de Che Guevara nas montanhas da Bolívia, em 1967, o fato é que a revolução socialista estava em muitas esquinas de jovens de nossa América Latina, especialmente no mundo estudantil. Poucos países do Continente Latino-Americano, nesta época, não viram seus jovens vestidos de libertação. O exemplo de libertação de Cuba, em 1959, tomara conta de uma grande e significativa parte da juventude. Basta citar os Tupamaros, do Uruguai; os Montoneros, da Argentina; os “Cristãos para o Socialismo”, no Chile; os poucos, mas valentes guerrilheiros de Teoponte, na Bolívia; o jovem sacerdote Camilo Torres largando as aulas de sociologia na Universidade para meter-se na guerrilha, na Colômbia; o cordobazo dos universitários argentinos; o bogotazo dos universitários de Bogotá; os milhares de jovens da Praça de Tlatelolco, da cidade do México; as agitações dolorosas e gloriosas de El Salvador e Panamá; os milhares de jovens mortos na Guatemala, especialmente na região de El Quiche; a guerrilha do Araguaia no Brasil, alimentada por jovens idealistas; a vitória do sandinismo na Nicarágua, e tantas outras coisas que nem sabemos. E não se diga que em tudo isso não corria muito sangue juvenil movido pela fé cristã. Recordar tudo isso é dar-nos conta do chão em que nascemos.



6. O que é dramático, de certa forma, é dar-nos conta que, enquanto isso sucedia em muitos lugares, no coração da juventude, em muitos lugares de nossas Igrejas os encontrismos, em geral, movidos por inspirações pedagógicas levadas pelo medo da novidade (muitas vezes frutos de pedagogias importadas), começaram a mexer com as sensibilidades e os idealismos juvenis de nossas paróquias (porque era ali que os jovens ainda podiam encontrar-se com segurança) esquecendo-se e rejeitando (com mais e menos consciência) que o exemplo que Jesus Cristo nos deu, na sua permanência histórica entre nós, principalmente por sua própria Encarnação, foi o “partir da realidade”. Navegava-se em outros mares, principalmente pedagógicos e teológicos, apontando para uma felicidade que não respeitava o verdadeiro chão juvenil. É muito significativo termos presente que, enquanto éramos gestados como Pastoral Juvenil, outra forma de ver a figura de Jesus Cristo, outra forma de ver a missão da Igreja, outra forma de relacionar fé e compromisso social, outra forma de ver o significado da pobreza com suas diversas manifestações e tanta outra coisa recebia nova leitura, nova maneira de compreender onde o ser cristão voltava ao sonho primeiro dos inícios do cristianismo. Foram os anos, também, em que se começava a falar de “pastoral”... Aliás, foi em 1972 que aparecia, no Chile, o Instituto Superior de Pastoral Juvenil e, logo depois, na Colômbia, o Instituto de Pastoral Juvenil Latino-Americano. Não foi por acaso, por isso, que, em 1976, o P. Jesús Andrés Vela S.J. assumia a Seção Juventude do CELAM. Com a convicção da importância de uma “pastoral orgânica”, também quando se tratava da evangelização da juventude, já em 1977 ele começou a provocar as primeiras articulações num trabalho evangelizador do mundo juvenil, provocando os primeiros encontros em Caracas (Venezuela), México e Punta de Tralca (Chile). Parecia adivinhar que o que importava era uma pastoral juvenil orgânica e diferenciada, como insistiria o documento de Puebla em 1979, e que o princípio pedagógico e teológico que é o melhor (e talvez único) instrumento que constrói autonomia é uma boa organização. O que é certo e que sete anos depois, em 1983, algo de novo começou a acontecer no mundo juvenil da América Latina e do Caribe querendo fazer uma caminhada conjunta na grande pátria latino-americana. De jeito modesto, mas firme,

começavam os Encontros (anuais) de Responsáveis Nacionais da Pastoral da Juventude. Para quem sabe a importância que tem o partir da realidade, saberá avaliar o significado e a ressonância destes encontros.

A novidade consistia na vontade de construir, com decisão e coerência, uma caminhada orgânica da evangelização da juventude em nível latino-americano a partir da experiência de cada país, sendo importante a prática refletida posta na mesa da partilha. E foi o que começou a acontecer e todos sabemos como é milagrosa toda mesa partilhada.

7. Esse “processo” que estamos vivendo e que nos atrevemos a chamar de Revitalização da Pastoral Juvenil Latino-Americana começou, portanto, há 30 anos atrás... Tratava-se da elaboração, para a juventude, de uma proposta que Paulo VI lançara, após a conclusão do Vaticano II: a construção da civilização do amor, abraçada – em nome da Igreja - pela juventude. Partiu-se, inicialmente, de um simples esboço, de um simples “Credo” e de um simples “Decálogo”, mas que não deixava de ser o sonho de uma proposta de evangelização da juventude. Quatro anos depois já se falava de um “Diretório” e, no 4º ano, (1987) já se chegou à elaboração de Pastoral da Juventude - Sim à Civilização do Amor, entregue, estrategicamente, nas mãos de Paulo VI, em Buenos Aires, numa grande concentração juvenil em Luján.

No coração de Sim à Civilização do Amor e no coração dos Encontros Latino-Americanos sempre estava a proposta de uma Formação Integral na Fé no coração juvenil. Esta preocupação foi enriquecida, logo depois, por uma montanha de iniciativas com alma comum, em todo o Continente Latino-Americano. Se citamos Cursos Latino-Americanos de Assessores, a criação de Regiões para uma articulação mais eficiente das Pastorais dos países, a designação de Assessores Regionais para a evangelização da juventude, estamos falando apenas de um pequeno iceberg das novidades que iam surgindo em muitos espaços. Partia-se da convicção intuitiva que o protagonismo, tanto pessoal, como diocesano, nacional e latino-americano, exigia como instrumento básico, para a efetivação do protagonismo juvenil a



organização, a formação e o acompanhamento. Podemos dizer que Civilização do Amor foi o primeiro esboço de uma proposta comum, organizada e sistematizada, com grande difusão pelas terras do continente, porque se tratava de uma busca e de uma proposta de felicidade para a juventude. Este é o fato.

8. Nesta época (década de 80), além dos dois “Institutos” já citados, já funcionavam, nas terras de nosso continente, vários outros Centros de Formação, Assessoria e Pesquisa em Juventude, todos ligados à Pastoral da Juventude Latino-Americana constituindo-se em Rede, como estruturas de apoio aos milhares de grupos e de agentes sonhando ser mais maduros e felizes em seu anúncio juvenil da Boa Nova⁴.

Esta proposta precisava, contudo, ser aprofundada. Claro que os debates aconteciam nos países, transformando a década de 1980 como uma década de sistematização teórica em muitos cantos. Uma das primeiras grandes discussões referia-se a uma “Formação Integral” resultando no que se conhece como “Processo de Educação na Fé”, uma das grandes conquistas pedagógicas, pastorais e teológicas que a juventude amadureceu na sua vivência de Igreja. O grande lugar de encontro destas sistematizações foram os Encontros de Responsáveis Nacionais da Pastoral da Juventude. Por isso o debate, por exemplo, em 1988, na Venezuela, da “Opção Pedagógica” e das etapas da nucleação e da iniciação no Processo de Educação na Fé. Os aprofundamentos aconteciam em muitos espaços. Consequência disso é que em todos estes Encontros Latino-Americanos sempre havia um tema de “aprofundamento”, procurando fundamentar a proposta de evangelização da juventude. Em 1989 discutiu-se “Militância”; em 1990, a questão da “Cultura Juvenil” etc. Em 1991 deu-se certa interrupção para uma grande festa: a realização do 1º Congresso Latino-Americano de Jovens, em Cochabamba (Bolívia) que, apesar de certas dificuldades naturais, foi um momento de

⁴ Constituiu-se, neste sentido, uma “Rede Latino-Americana” destes Centros e Institutos, funcionando, até os momentos atuais, na Argentina, no Peru, no Paraguai, no Brasil (vários), na Colômbia, no México, em El Salvador, na Venezuela, nos Estados Unidos. É verdade que alguns foram extintos (especialmente Uruguai e Chile), mas estas estruturas de apoio continuam sendo uma realidade.

celebração de uma caminhada conjunta de cinco anos de Sim à Civilização do Amor.

9. E a caminhada prosseguia... Se o P. Horácio Penengo⁵, assessor da Seção Juventude por ocasião da elaboração de Civilização do Amor – Tarefa e Esperança - foi importante, importantes foram, também, o P. Juan Pablo Moreno e o P. Armelin de Souza e todos que abraçavam esta caminhada latino-americana. Por isso os aprofundamentos prosseguiram nos próximos anos: em 1993, o tema foi “Assessoria e Acompanhamento”; em 1994 “Espiritualidade e Missão da Pastoral da Juventude”, decidindo-se que Sim à Civilização do Amor precisava ser complementado, o que aconteceu em abril de 1995 por pessoas apontadas pela Assembléia e que resultou em Civilização do Amor – Tarefa e Esperança, publicado em 1996. Em 1998, em Punta de Tralca (Chile), aconteceu outro momento de celebração da caminhada no 2º Congresso Latino-Americano de Jovens.

E os Encontros Nacionais e os Encontros de Responsáveis da Pastoral Juvenil nos países prosseguiram. Continuavam, também, as publicações, as formações, a elaboração de milhares de subsídios, os cursos de lideranças e de assessores, a realização de eventos massivos em muitos lugares. Por iniciativa da Pastoral da Juventude começa a realizar-se, até, um Curso de Pós-Graduação em Juventude, em 1999. Em 2001 o tema do Encontro de Responsáveis foi, novamente, Processos de Educação na Fé, relacionados com o Projeto de Vida, e que voltou a ser estudado, novamente em 2003, em Quito. Os jovens sentiram a necessidade que saísse algo mais sistematizado e o resultado foi Proyecto de Vida: Camino Vocacional de la Pastoral Juvenil, publicado em 2003.

10. Embora a Pastoral Juvenil Latino-Americana tenha navegado com certas dificuldades nos últimos anos – a conjuntura social e eclesial não está sendo fácil - o amadurecimento da proposta não parou e não pára. Mesmo com suas peculiaridades nacio-

⁵ Falecido em 2009, em Montevideo. Além de assessor da Seção Juventude (CELAM) foi assessor da Pastoral Juvenil do Uruguai e fundador do Instituto Pablo VI, dedicado à evangelização da juventude.



nais – portanto localizadas - o que se observa é uma caminhada orgânica sempre mais aprofundada. Por várias razões, é a partir de 2007 que o discurso que tomou conta foi o da revitalização da Pastoral da Juventude. Aos poucos foi penetrando um espírito envolvente que, com a ajuda da informática, tomou corpo tendo previsto seu momento de celebração no 3º Congresso Latino-Americano em 2010, em Los Teques, na Venezuela. Ninguém se considera pronto, mas ninguém quer ignorar, igualmente, o caminho já feito. Como não podia deixar de ser, o eixo da caminhada é o Processo de Educação na Fé, um caminho sempre velho e sempre novo e que precisa ser enriquecido pelas circunstâncias novas que se apresentam.

Não se pode olhar somente para o futuro nem somente para o presente. A história já nos ensinou muita coisa e só seremos fortes se formos como o povo da Bíblia: não deixando de convencer-nos que o nosso sonho será mais bonito, mais atual, se tiver também sabor de caminho já andado.